

Um estudo sobre o preenchimento do sujeito pronominal na fala e na escrita de jovens de Florianópolis

Christiane Maria Nunes de Souza¹ Patricia Floriani Sachet²

¹ Curso de Graduação em Letras Língua Inglesa e Literaturas – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

² Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

cmnsouza@yahoo.com.br, patricia_sachet@hotmail.com

Resumo. Foi observado o preenchimento do sujeito pronominal no dialeto de jovens estudantes do Ensino Médio e do Ensino Fundamental em um colégio da Grande Florianópolis. O corpus foi constituído de dados de fala e de escrita. Dos quatro tipos de variação existentes, nós utilizamos a variação diamésica, ou seja, variação através do meio. Fizemos uma comparação entre o preenchimento do sujeito pronominal na fala e na escrita, observando a grande distância que há entre estes dois meios. Comprovamos que na escrita há menos preenchimento do sujeito pronominal, já que é mais monitorada e conservadora, enquanto na fala encontramos um aumento do preenchimento do sujeito pronominal, pois esta é menos monitorada. Partimos do princípio de que a língua portuguesa do Brasil era classificada como uma língua pro-drop, ou seja, que apresentava um grande número de não preenchimento do sujeito, ou de sujeito nulo, e nos últimos tempos vem apresentando uma mudança em direção ao pro, ou seja, um aumento do preenchimento do sujeito pronominal. Esta mudança deu-se devido à outra mudança – fenômeno de encaixamento lingüístico -, que foi a mudança morfêmica no paradigma verbal flexional do português do Brasil, o que acarretou a necessidade de preencher o sujeito, para que a oração não apresentasse ambigüidade. Nossa pesquisa deu ênfase ao fator externo da escolaridade, pois um de nossos objetivos foi comprovar que, à medida que aumentamos o grau de escolaridade, preenchemos menos o sujeito pronominal. Defendemos, também, a hipótese de que tempos verbais que tendem ao sincretismo devem apresentar maior número de preenchimento do sujeito. Nossas hipóteses foram levantadas com o suporte teórico da lingüista Maria Eugênia Lamoglia Duarte, já conhecida por sua atuação em pesquisas sobre o preenchimento do sujeito pronominal. Como resultados, reforçamos as conclusões que outros lingüistas vêm apresentando: o preenchimento do sujeito pronominal, que antes era menos freqüente, passou a ser mais utilizado, principalmente na fala dos jovens. Já na escrita, este preenchimento ainda está reduzido.

Abstract. The full representation of the pronominal subject in the dialect of teenagers of a school in Florianópolis was observed. The corpus was constituted by speech and writing data. From the four types of variation, we have worked with the diametic one, that is, variation through modality. We

have compared the full representation of the pronominal subject in speech and writing, observing the great distance existent between these two modalities. We have proved that there are fewer data of full representation of the pronominal subject in the writing sample, since this modality is more monitored and conservative. We have started from the principle that the Brazilian Portuguese used to be classified as a pro-drop language, that is, it used to present a great number of non-full representation of the pronominal subject, or of empty subject; and lately it has been presenting a change towards pro, that is, a raise in the numbers of full representation of the pronominal subject. This change has happened due to another change – linguistic embedding phenomenon – which is the morphemic change in the verbal-flexional paradigm of Brazilian Portuguese that brought the necessity of filling the subject position in order to avoid ambiguity. Our study has emphasized the external factor schooling, since one of our objectives was to prove that as we increase our schooling, we fill less the pronominal subject. We defend, also, the hypothesis that verbal tenses that tend to syncretism must present more data of full representation of the pronominal subject. Our hypotheses were raised based on the theoretical support of the linguist Maria Eugênia Lamoglia Duarte, well known for her studies about the object we have chosen. Our results reinforce the conclusions other linguists have been presenting: the full representation of the pronominal subject, which used to be less frequent, has started being more representative, mainly in the speech of younger people. In the writing sample, this is a minor phenomenon.

Palavras-chave: preenchimento do sujeito pronominal; fala; escrita; escolaridade.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Objetivo

O objetivo de nosso trabalho é verificar os contextos que favorecem o preenchimento do sujeito pronominal na fala e na escrita de adolescentes da Grande Florianópolis. Apesar de ser um objeto de estudo bastante explorado, é importante que se façam pesquisas a respeito desse fenômeno com diferentes comunidades para fins de descrição lingüística. Dessa forma, a união de vários trabalhos sobre o mesmo tema favorece a identificação de uma direção de mudança na língua, já que acaba por estabelecer os contextos – sociais e lingüísticos – favoráveis à mudança.

Nossas hipóteses iniciais estão relacionadas a três variáveis que julgamos se destacarem no conjunto que elencamos: (i) a modalidade da língua, ou seja, fala ou escrita; (ii) o tempo do verbo que sucede a posição sujeito; e (iii) a escolaridade.

Nossa grande expectativa, que corresponde à nossa hipótese mais forte, é encontrar um número maior de preenchimento do sujeito pronominal nos dados de fala, já que essa modalidade é menos monitorada e menos conservadora. Esperamos, também, que tempos verbais que tendem ao sincretismo, como o pretérito imperfeito do modo indicativo e o pretérito imperfeito do modo subjuntivo, favoreçam a explicitação do sujeito pronominal, para fins de eliminação da ambigüidade produzida pela

constituição morfológica do verbo – em especial nos casos em que o morfema número-pessoal é zero. Ressalte-se que essa variável será relacionada com outra, o pronome que ocupa a posição de sujeito, já que o sincretismo não se dá com todas as pessoas do discurso.

Outra hipótese que esperamos comprovar é a de que encontraremos um número maior de sujeitos pronominais plenos entre os alunos da 8ª série, que estão mais distantes do vestibular. Nossa pesquisa abrange duas séries: a 8ª do Ensino Fundamental e a 2ª do Ensino Médio.

1.2 Objeto de estudo

Nosso objeto de estudo é o preenchimento do sujeito pronominal. Refletindo sobre trabalhos como os de Duarte (1995,1996), de Costa (2003) e de Paredes Silva (2003), já nos é impossível negar que o Português Brasileiro (doravante PB) seja uma língua de sujeito preenchido. Inclusive, muitos trabalhos têm sido feitos (como o de Duarte, 2003a) já partindo do pressuposto de que o PB está em fase de transição de língua marcada positivamente para o parâmetro pro-drop para uma língua não pro-drop. Com base nos estudos já realizados e no fato de termos no cenário científico brasileiro diversos trabalhos que corroborem nossas conclusões sobre o parâmetro pro-drop, não mais tentaremos “convencer” o leitor sobre esse processo. Limitaremos-nos apenas a explicitar nosso objeto.

Abaixo, seguem exemplos de sujeito preenchido (i) e nulo (ii):

i) Foi quando eu tinha oito anos, eu tinha a minha melhor amiga, que se chamava Alice. (Informante 6, dado de fala, 2007)

ii) Algum tempo depois, havia alguma festividade ou coisa assim, pro acho que era um amigo invisível. (Informante 1, dado de escrita, 2007)

Em termos tradicionais, o parâmetro do sujeito nulo caracteriza-se pela possibilidade de omissão do sujeito em uma oração, sem que a mesma se torne incompreensível ou agramatical. Já para a Teoria Gerativa, foi admitido por Chomsky (1981) que o parâmetro pro-drop está associado, em uma dada língua, a determinados fatores, como a riqueza do paradigma flexional e a possibilidade de inversão da ordem SV. Duarte (1995, 1996) explora essa relação com o paradigma flexional, enquanto que Coelho (2000) observa que o PB tem se cristalizado como uma língua de ordem SV, à exceção das sentenças monoargumentais. Dessa forma, o PB estaria abrindo mão dos dois principais fatores que o associam com a possibilidade de sujeito nulo.

Silva (1996) discute sabiamente essas relações e atesta que, na verdade, o parâmetro pro-drop está associado a valores mais específicos. De acordo com a autora, “as línguas que têm os traços de pessoa e número morfológicamente representados no núcleo da concordância admitem pro referencial”, enquanto que “aquelas [línguas] que só têm o traço de número devem limitar pro a contextos expletivos” (Silva, 1996, p. 33). Por esse motivo, segundo Duarte (1996), é que o chinês, sendo uma língua de paradigma flexional uniforme, não apresenta traço positivo para o parâmetro pro-drop.

De acordo com Duarte (2003b), ainda não se pode falar em implementação da mudança quando se trata do preenchimento do sujeito pronominal no PB. Nesse estudo, a autora faz uma avaliação em tempo real desse fenômeno, e conclui que o

preenchimento do sujeito pronominal mostra estabilidade no comportamento da comunidade de fala em questão nos últimos dezenove anos.

Com base na discussão acima, é possível relacionar a entrada dos pronomes *voce* e *a gente* no paradigma flexional do PB, assim como a perda da inversão da ordem SV, com a transição de parâmetro *pro-drop* para não *pro-drop*. Entretanto, dado o caráter das entrevistas realizadas para coleta de dados, que não favoreceu o aparecimento do pronome *voce*, em nosso trabalho a mudança no paradigma pronominal não será explorada.

1.3 Variação diamésica

Dos quatro tipos de variação que normalmente são abordados em estudos sociolinguísticos (diatópica, diamésica, diastrática e diacrônica), exploraremos a variação diamésica, ou seja, variação através do meio ou da modalidade.

A variação diamésica compreende, antes de mais nada, as profundas diferenças que se observam entre a língua falada e a língua escrita. Uma longa tradição escolar acostumou as pessoas a vigiar a escrita e dar menos atenção à fala, por isso muita gente pensa que fala da mesma forma que escreve. (BASSO e ILARI, 2006, p. 181)

Faremos uma comparação entre o preenchimento do sujeito pronominal na fala e na escrita, observando a grande diferença que há entre esses dois meios. Exatamente pelas razões apontadas por Basso e Ilari a respeito da tradição escolar e do monitoramento da escrita, acreditamos que nessa modalidade encontraremos menos preenchimento do sujeito pronominal, enquanto que na fala esperamos encontrar um aumento do preenchimento, já que nesse meio a língua é menos conservadora e monitorada.

1.4 Aparato Teórico

Como tradicionalmente acontece nesse tipo de estudo, procuramos negociar a Teoria Gerativa de Chomsky com a Teoria de Variação e Mudança de Labov. Dentro da Teoria Gerativa, nos ocupamos do modelo formal de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), que pressupõe que as línguas, de modo universal, são regidas por estruturas invariáveis, os princípios, mas que possuem características próprias, os parâmetros, marcados positivamente ou negativamente.

No caso do PB, a exemplo das demais línguas românicas à exceção do francês, tradicionalmente assinalou-se o parâmetro *pro-drop* (possibilidade de sujeito nulo) positivamente, ou seja, o entendimento de uma sentença não é afetado pela omissão de seu sujeito. Contudo, estudos anteriores, em especial os de Duarte (1995, 1996, 2003b) – autora tida como referência nacional no estudo da perda do parâmetro *pro-drop* –, têm apontado modificações desse parâmetro no PB.

Com base nesse modelo, procuramos dados que proovessem exemplos de sujeitos pronominais nulos e preenchidos e os encaixamos na Teoria da Variação e Mudança (Labov, 1972). Essa teoria, associada à Sociolinguística, descreve o estudo da variação e mudança nas línguas através i) do estabelecimento de variáveis para o estudo; ii) da verificação da transição de uma forma para outra dentro da língua; iii) do encaixamento linguístico e social do objeto de estudo (de que forma o objeto se comporta dentro das

variáveis estabelecidas, quais o favorecem e quais lhe oferecem resistência); iv) da avaliação (consciência social) da comunidade com relação ao objeto e v) da implementação da mudança na comunidade de fala (Weinreich, Labov & Herzog, 1975).

2. METODOLOGIA

2.1 Os informantes

Os dados que observamos são do dialeto de jovens estudantes entre 14 e 16 anos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio de um colégio particular localizado na cidade de São José, na Grande Florianópolis. Os informantes são oito; quatro alunos da oitava série do Ensino Fundamental e quatro alunos da segunda série do Ensino Médio. Em cada turma, foram entrevistados dois meninos e duas meninas, para que se mantivessem uniformes as células sociais.

2.2 A coleta de dados

Para a obtenção dos dados analisados, na tentativa de seguir os moldes de uma coleta tipicamente laboviana, sugerimos aos alunos que contassem e escrevessem um texto narrativo sobre algum fato marcante de suas infâncias.

Primeiramente, solicitamos aos alunos que pensassem sobre algum fato que tivesse marcado significativamente suas infâncias. Dois dias depois, retornamos ao colégio e pedimos aos mesmos alunos que narrassem oralmente o acontecimento sobre o qual haviam pensado. Finalmente, após mais dois dias, fomos ao colégio novamente para pedir aos alunos que narrassem a mesma história, mas dessa vez na modalidade escrita.

Nosso desejo era coletar um número grande de dados e contar com bastantes informantes, mas infelizmente alguns alunos se negaram a participar da pesquisa. No entanto, é importante ressaltar que aqueles que participaram sentiram-se bastante à vontade durante a realização tanto da coleta oral como da escrita, sem maiores preocupações e, logicamente, sem saber que o alvo de nosso estudo era seu dialeto.

Com relação ao nosso objeto de estudo, o preenchimento do sujeito pronominal, como era de se esperar, foi facilmente encontrado nas narrativas. Limitamos as ocorrências a no máximo trinta por informante, sendo quinze na modalidade escrita e quinze na modalidade falada. Alguns informantes não atingiram esse número, especialmente nos dados de escrita. No total, iniciamos nossa rodada estatística com 220 dados, categorizados de acordo com as variáveis que apresentaremos a seguir.

2.3 Envelope de variação

Após coletados, os dados foram categorizados de acordo com as seguintes variáveis:

- a) Variáveis sociais: sexo e série. Além disso, cada uma dos informantes constituiu um grupo de fatores, para que pudéssemos verificar se o comportamento lingüístico atípico de um dos informantes estaria influenciando os resultados.
- b) Variáveis lingüísticas: modalidade da língua, animacidade do sujeito, pronome referente à pessoa do discurso, tempo verbal e estrutura sintática.

Essas variáveis foram confrontadas com a variável dependente, o preenchimento ou não do sujeito pronominal. O tempo verbal e o pronome referente à pessoa do discurso também foram confrontados entre si, como veremos na seção 3.3. O programa que nos forneceu a frequência e o peso relativo das ocorrências segundo o envelope de variação foi o Pacote Estatístico VARBRUL (Pintzuk, 1988).

3. Resultados/Discussão

3.1 Resultados Gerais

Dos 220 dados analisados, 127 apresentaram sujeito pronominal preenchido, correspondendo a 58% da amostra. Restaram 42% de sujeitos nulos, resultados que comprovam o que autores como Duarte (1995,1996), Costa (2003) e Paredes Silva (2003) já defenderam: o sujeito pronominal é cada vez mais preenchido no PB.

A variável que se mostrou mais significativa foi a modalidade, seguida pelo tempo verbal – resultados já esperados. Além disso, fizemos um cruzamento entre variáveis independentes, tempo verbal x pronome referente à pessoa do discurso, chegando também a resultados bastante relevantes. As demais variáveis de nosso envelope não foram selecionadas pelo pacote estatístico como significativas.

Uma de nossas hipóteses, no entanto, não se confirmou. Ao contrário do que esperávamos, considerando-se o total da amostra, incluindo os dados de fala e de escrita, os alunos da 2ª série do Ensino Médio preencheram mais o sujeito pronominal do que os da 8ª série do Ensino Fundamental. Podemos notar, também, que não há uma diferença muito saliente com relação à escolaridade. Os números para a variável escolaridade encontram-se na tabela 1.

Série	Aplic./Total	Frequência	P.R
2ª série E.M.	61/104	59%	.51
8ª série E.F.	65/115	57%	.49
Total	126/219	58%	

Tabela 1: Frequência e peso relativo do preenchimento do sujeito pronominal de acordo com a variável escolaridade.

Esse resultado pode ser explicado pela pouca diferença etária entre uma série e outra. Os alunos da 2ª série são, em geral, apenas dois anos mais velhos do que os da 8ª. Seria interessante, em trabalhos futuros, comparar turmas mais distantes entre si. Outra justificativa pode ser encontrada levando-se em consideração que o preenchimento do sujeito pronominal não é um fenômeno exatamente estigmatizado. Seu estigma aparece na escrita, e apenas quando a repetição do sujeito torna-se cansativa para o leitor ou perceptivelmente desnecessária. Portanto, não é um fenômeno obrigatoriamente condicionado pela escolaridade.

Observou-se, através da correlação estabelecida entre a modalidade e a escolaridade, que os alunos do Ensino Médio preencheram pouco menos os sujeitos pronominais na escrita, 39%, contra 44% dos alunos do Ensino Fundamental. Apesar de pouco relevante, essa estatística pode espelhar a proximidade com o vestibular e a pressão estabelecida pela escola para uma produção escrita condicionada à norma culta da língua.

Houve apenas um dado com o pronome *tu*, que, na verdade, não expressava a segunda pessoa do discurso, mas sim um pronome referencial:

[...] Só lutando com as força dos pais, tudo, tu consegue, sei lá [...] (Informante 8, dado de fala, 2007)

Por conta dessa característica, esse dado foi excluído da amostra, e ficamos com um total de 219 ocorrências, dentre elas, 126 de sujeito pronominal preenchido, sendo que os valores percentuais não foram afetados.

3.2 Modalidade

Os informantes apresentaram um número maior de ocorrências de sujeito pronominal preenchido nos dados de fala, conforme os números apresentados na tabela 2.

Modalidade	Aplic. /Total	Freqüência	P.R
Fala	84/118	71%	.64
Escrita	42/101	42%	.34
Total	126/219	58%	

Tabela 2: Freqüência e peso relativo do preenchimento do sujeito pronominal de acordo com a variável *modalidade*.

Os números acima comprovam nossa hipótese mais forte, a de que a fala, por ser uma modalidade menos monitorada e menos conservadora, apresentaria um maior número de sujeitos pronominais plenos. Ressalte-se que os alunos contaram exatamente a mesma narrativa nas duas modalidades.

Duarte (1996), comparando o texto escrito de uma peça de teatro de 1992 com a apresentação (falada) da mesma no palco, defendeu a hipótese de que o número de sujeitos nulos cairia ainda mais nessa mudança de modalidade. Após a comparação, foi possível a comprovação dessa hipótese: o número de ocorrências de sujeito nulo nos mesmos trechos caiu 13% na 3ª pessoa. Essa comparação mostrou a distância que há entre a fala e a escrita, que se revela mais conservadora.

Também os resultados de Costa (2003) são corroborados. A autora, em sua dissertação sobre a ordem e o preenchimento na fala e na escrita de crianças e adolescentes de Florianópolis, mostrou que o número de sujeitos pronominais preenchidos, que na escrita era de 61%, na fala subiu para 73%.

3.3 Tempo verbal

Os números para a variável *tempo verbal* são os que aparecem na tabela 3.

Tempo Verbal	Aplic./Total	Frequência	P.R.
Presente (modos indicativo e subjuntivo)	9/21	43%	.35
Pretérito perfeito	48/94	51%	.43
Pretérito imperfeito (modos indicativo e subjuntivo)	63/89	71%	.64
Futuro do presente (modos indicativo e subjuntivo)	3/7	43%	.35
Futuro do pretérito	3/8	38%	.30
Total	126/219	58%	

Tabela 3: Frequência e peso relativo do preenchimento do sujeito pronominal de acordo com a variável *tempo verbal*.

É possível observar, na tabela 3, que o tempo verbal que mais favorece o preenchimento do sujeito pronominal é o pretérito imperfeito, tanto do modo indicativo quanto do modo subjuntivo – que foram amalgamados durante a rodada estatística. Esse alto índice de preenchimento, em 71% das ocorrências, corrobora nossa hipótese inicial, a de que os tempos verbais que tendem ao sincretismo devem apresentar um maior número de preenchimento do sujeito, para fins de eliminação da ambigüidade.

Note-se que, entre os tempos verbais elencados, não aparece o pretérito mais-que-perfeito. Em nossa amostra, esse tempo verbal somente apareceu em sua forma analítica. Como nos focamos essencialmente na forma do verbo e não em seu significado, cada vez que o mais-que-perfeito apareceu, foi classificado como pretérito imperfeito, já que é nesse tempo verbal que a primeira parte de sua estrutura se apresenta. Abaixo, a representação desse tipo de ocorrência.

[...] E eu tinha estraçalhado o presente do menino com o balanço. (Informante 1, dado de fala, 2007)

Da mesma forma que esperávamos encontrar maior número de sujeitos pronominais preenchidos nos tempos verbais que tendem ao sincretismo, também era esperado que tempos verbais mais marcados (com morfemas número-pessoais) se mostrassem mais resistentes à aplicação da regra. Foi o que aconteceu com o tempo presente, que teve seu sujeito pronominal preenchido em apenas 43% das ocorrências, assim como o pretérito perfeito apresentou 51% e o futuro do presente 43% de sujeitos pronominais preenchidos.

Nossa surpresa foi perceber que o tempo futuro do pretérito, que assim como o pretérito imperfeito, tende ao sincretismo, apresentou um baixo número de preenchimento, apenas 38%.

Comparando nossos resultados, observamos que Duarte (1995) obteve conclusões semelhantes. Em sua tese, a autora mostrou que o tempo verbal que mais favoreceu o sujeito nulo foi o pretérito perfeito, com 39% das ocorrências, seguido do pretérito imperfeito (nosso ponto discrepante), com 27% e do presente, com 26%. A autora pontua que “tais percentuais parecem sugerir que as desinências do pretérito perfeito para primeira e terceira pessoas do singular resistem mais ao desgaste pelo qual vai passando o paradigma flexional”.

3.3.1 Tempo verbal x pronome referente à pessoa do discurso

A variável *tempo verbal* foi correlacionada com outra, o *pronome referente à pessoa do discurso*, a fim de se comprovar que o preenchimento está de fato ligado à eliminação da ambigüidade provocada pelo sincretismo. Na tabela 4 encontram-se os números referentes ao cruzamento entre essas variáveis.

Pronome Tempo verbal	Eu		Nós		Ele/ela		A gente		Eles/elas		Total	
	Pretérito perfeito	31/65	48%	1/4	25%	11/18	61%	4/5	80%	1/2	50%	48/94
Presente (subjuntivo e indicativo)	9/20	45%	0/0	0%	0/0	0%	0/0	0%	0/1	0%	9/22	45%
Pretérito imperfeito (subjuntivo e indicativo)	42/57	74%	2/3	67%	12/18	67%	7/11	64%	0/0	0%	63/89	71%
Futuro (subjuntivo e indicativo)	2/4	50%	0/0	0%	0/1	0%	1/2	50%	0/0	0%	3/7	43%
Futuro do pretérito	2/3	67%	0/0	0%	1/5	20%	0/0	0%	0/0	0%	3/8	38%
Total	86/149	58%	3/7	43%	24/42	57%	12/18	67%	1/3	33%	127/219	58%

Tabela 4: Aplicação da regra e frequência de preenchimento do sujeito pronominal resultante do cruzamento entre as variáveis *tempo verbal* e *pronome referente à pessoa do discurso*. Dados gerais, de fala e escrita.

Em tempos verbais que não tendem ao sincretismo, como o presente, o pretérito perfeito e o futuro, os pronomes que se associam a formas verbais mais marcadas apresentam menor frequência de preenchimento do sujeito pronominal. É o caso dos pronomes *eu* e *nós*, que nesses tempos verbais são identificados por morfemas número-pessoais característicos, e, portanto, não precisam se explicitar na posição de sujeito.

Já nos tempos verbais que tendem ao sincretismo, como o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito, até mesmo o pronome *eu* apresenta altas frequências, pois divide a

mesma forma verbal com *ele/ela* e *a gente*. Assim, acreditamos que os altos números nesse cruzamento tenham relação com a eliminação da ambigüidade causada pela ausência de um morfema número-pessoal.

4. Conclusão

Neste trabalho, tivemos duas de nossas três principais hipóteses confirmadas. Pudemos observar que o preenchimento do sujeito pronominal, apesar de ser comprovadamente uma tendência no PB, ainda encontra resistência na escrita, por se tratar de uma modalidade bastante monitorada e conservadora, diferentemente da fala. Ainda que a narrativa proposta aos alunos informantes fosse, de certa forma, livre, a pressão que a escola exerce sobre os estudantes certamente não os deixa “escrever da mesma forma que falam”.

Além disso, constatamos que os tempos verbais que tendem ao sincretismo apresentam maior número de sujeitos pronominais plenos, ainda mais se cruzados com a variável *pronomes referentes à pessoa do discurso*. No item 3.4 pudemos perceber essa forte relação.

Não conseguimos encontrar na escolaridade um fator decisivo para favorecimento ou resistência ao preenchimento do sujeito pronominal. Possivelmente, um estudo que levasse em conta duas séries com bastante distância entre si e no qual uma delas estivesse muito próxima do exame vestibular poderia fornecer resultados diferentes, com maior discrepância entre fala e escrita.

De maneira geral, nosso trabalho trouxe mais uma contribuição para o estudo desse objeto, apresentando números que corroboram o que outros autores vêm constatando: o Português do Brasil está em fase de transição de uma língua *pro-drop* para uma língua não *pro-drop*.

5. Referências

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

COELHO, I. L. *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2000.

COSTA, S. *O sujeito usado por crianças e adolescentes de Florianópolis: um estudo da ordem e do preenchimento*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 2003.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: I. Roberts, M. A. Kato (orgs.). *Português Brasileiro – Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

DUARTE, M. E. L. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003 (a).

DUARTE, M. E. L. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: DUARTE, M. E. L.; PAIVA, M. C. (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2003 (b).

ILARI, Rodolfo; BASSO, R. M. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 272 p.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

PAREDES SILVA, V. L. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. In: DUARTE, M. E. L.; PAIVA, M. C. (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2003.

PINTZUK, S. *VARBRUL Program*. (mimeo), 1988.

SILVA, M. C. F. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

WEINREICH, U, LABOV, W. & HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: Lehman & Malkiel (ed.) *Directions for historical linguistics*. Austin, University of Texas Press, 1968.